

EU, TU, ELE...NÓS OUTROS: fronteiras, diálogos e novas identidades

I, YOU, HIM ... WE OTHERS: borders, dialogues and new identities

Silvia de Toledo Gomes¹

RESUMO: O presente trabalho busca estabelecer, por meio de uma breve discussão bibliográfica, algumas reflexões acerca do conceito de fronteira e seus desdobramentos no tempo e no espaço. Nesse sentido, é importante a compreensão de que toda fronteira é uma produção a partir de experiências e vivências humanas e surge no momento em que as diferenças são retratadas, pois, ao estabelecermos o “nós”, conseqüentemente já definimos o que é o “outro”. A fronteira é o elemento de contato entre diferentes historicidades e diferentes temporalidades. Ao compreendermos as diferenciações entre o que é o limite e o que é a fronteira, passamos a enxergá-la enquanto um processo dinâmico, com interligações das mais diversas que se reproduzem e se transformam sem cessar. A fronteira não representa o ponto onde algo termina, mas é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteira; Limite; Hibridismo; Entre-Lugar.

ABSTRACT: The present study objectives to establish reflections on the concept of border and its consequences in time and space. Thus, it is important to understand that every border is a production from human experiments and experiences and comes at a time when the differences are portrayed, because when we set the "we" have automatically define what the "other" is. The border is the point of contact between different histories and different temporalities. By understanding the differences between what is the limit and what is the border, it is possible to see it as a dynamic process, with the most diverse interconnections that multiply and

¹ Mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados, sob orientação do Prof. Dr. Charlei Aparecido da Silva. Correio: silviagomes@ufgd.edu.br

transform themselves endlessly. The border is not the point where something ends, but is the point from which something begins to exist.

KEYWORDS: Border; Limit; Hybridity; In Between.

INTRODUÇÃO

Pensar a fronteira é pensar o espaço, o qual é construído essencialmente pelas relações que nele acontecem. Segundo Raffestin (2005, p. 09), a reflexão e, mais ainda, a ausência de reflexão a respeito do significado de fronteira reafirmam a falta do regramento nos diversos aspectos do pensamento e da ação.

A dificuldade no entendimento do que é fronteira decorre, principalmente, pela representação cartográfica, marcada pelo selo de um esquematismo que, segundo o autor, resume a uma simples linha, capaz de permitir a perda das noções mais aderentes à nossa cultura e no lado mais essencial de seu profundo significado. Ela é e representa muito mais, pois as sociedades foram sempre definidas pelas fronteiras que traçaram, acompanhando os movimentos dos povos e marcando as grandes viradas nas transformações das civilizações.

Desta forma, é importante a compreensão de que toda fronteira é uma produção a partir de experiências e vivências humanas e surge no momento em que as diferenças são retratadas, pois, ao estabelecermos o “nós”, conseqüentemente já definimos o que é o “outro”. A fronteira é o elemento de contato entre diferentes historicidades e diferentes temporalidades. Nesse sentido, para Raffestin, a fronteira é também bio-social, ao delimitar um “para cá” e outro “para lá”, um “antes” e um “depois”, com um limite marcado e uma área de segurança.

A fronteira é produzida como parte das relações humanas, nas suas mais diversas formas (políticas, econômicas, sociais, culturais, religiosas, simbólicas etc)

e é definidora de diferenças (imagens, representações, conceitos, preconceitos, estigmas etc) e processos de identificação e diferenciação em múltiplas escalas. A fronteira nada mais é do que uma eterna construção, pois as culturas se estabelecem, se diferenciam, se relacionam e criam novas culturas que entram nessa dinâmica.

Portanto, o presente artigo busca a reflexão sobre o conceito de fronteira enquanto movimento que se dá no espaço e no tempo entre diferentes culturas, e que, nesse contato dinâmico, promove constantemente a transfiguração de culturas, criando novas realidades mestiças que contém um pouco de cada elemento, mas que não representam nenhum deles de forma pura e isolada. Pensar a fronteira é pensar as relações, é transcender as barreiras que separam física ou virtualmente estados e nações. É pensar em que medida as trocas se dão e o quanto ainda somos “nós”, o quanto ainda são os “outros” e o quanto ainda podemos ser “nós outros”.

LIMITES E FRONTEIRAS

Limites e fronteiras são conceitos que, ao mesmo tempo em que se interconectam, se diferenciam. A fronteira contém o limite, mas não se resume a ele, vai muito mais além. Enquanto o limite representa a divisão ou a separação de duas ou mais realidades, a fronteira não é definida pela barreira que separa, mas é o que diferencia, é o ponto de contato entre elementos diferentes. Ou seja:

A fronteira vai muito mais além do fato geográfico que ela realmente é, pois ela não é só isso. Para compreendê-la, é preciso retomar a expressão ‘regere fines’ que significa traçar em linha reta as fronteiras, os limites. É o mesmo procedimento utilizado pelo padre na construção de um templo ou de uma cidade, quando ele determina esse espaço consagrado sobre o terreno. Nessa operação o caráter mágico fica evidente: trata-se de delimitar o interior e o exterior, o reino do sagrado e o reino do

profano...pois segundo Benveniste, a noção de fronteira é ao mesmo tempo material e moral. Assim, uma fronteira não é somente um fato geográfico, mas também é um fato social de uma riqueza considerável pelas conotações religiosas nele implícitas. (RAFFESTIN, 2005, p. 10)

Para o autor, o limite materializado, além de um traço sobre o solo, representa relações de poder ao configurar a presença de um ordenamento dentro de determinado território. “Fronteiras e limites são desenvolvidos para estabelecer domínios e demarcar territórios”, foram concebidos para insinuar a precisão que pede o poder, enquanto forma de controle.

Nesta perspectiva, observa Hissa que:

O que foi concebido para ser preciso mostra-se vago. O que foi concebido para conter, transforma o conteúdo em espaço ilimitado, incontido. Para além da linha que demarca é exatamente a fronteira que explicita a amplitude ou a complexidade do que não foi arquitetado para ser contido ou confinado. O que foi concebido para ‘por fim’, para delimitar territórios com precisão como se fosse uma linha divisória, espraia-se em uma zona de interface e de transição entre dois mundos tomados distintos. Assim, o limite transforma-se em fronteira. (HISSA, 2002, p. 36)

De acordo com o senso comum, limite é a delimitação político-administrativa, é partilhar para governar, é dividir, é relacionado à intenção de controlar. Portanto “a fronteira não é apenas limite que se projeta no território: ela também se projeta na sociedade e separa os indivíduos, inclusive porque não há como separar a sociedade do território”. A fronteira é uma abstração manifestada através de sinais e manifestação de poderes de diversas categorias e a construção do território, através de relações sociais, passa a significar o estabelecimento de fronteiras de natureza variada entre pessoas e coisas. E ainda:

Diz-se, então, que o território não é o único mundo que acolhe o poder e lhe fornece imagem, dividindo-se, a partir daí, através de fronteiras de diversas origens até a extremidade mais distante. Vê-se que as fronteiras se entrecortam, percebe-se portanto, que a definição etimológica de fronteira – associada à atuação de governos e às ações político-administrativas é apenas uma motivação para o desenvolvimento de relações mais abrangentes. A fronteira e o poder: palavras que, imediatamente, conduzem à reflexão para as esferas da política, do Estado, da propriedade e do

território. Mas o território em sua materialidade física, não é o único alvo do poder. (HISSA, 2002, p. 43)

O limite é, portanto, algo que se insinua entre dois ou mais mundos, buscando a sua divisão, procurando anunciar a diferença e separar o que não pode permanecer ligado - insinua a presença da diferença e sugere a necessidade da separação. Sua manifestação, então, é marcante, já que resulta de um rito, de um costume. Sob esse aspecto, Hissa (2006, p. 19) afirma que o limite pode ser apresentado como algo que se coloca entre dois ou mais mundos, para que as suas diferenças possam ser compreendidas. Nessa lógica, divide-se algo em partes, para que seu todo, de que se tem ciência, possa ser melhor avaliado ou delimita-se o todo, para que cada uma de suas partes sejam reconhecidas em sua especificidade dentro da totalidade.

Para este autor o significado provavelmente mais decisivo de limite seja o que imediatamente conduz à idéia de cerceamento da liberdade, o que é apresentado como obstáculo ao trânsito livre. Portanto, para Hissa (2002, p. 19) “assim, a reflexão desperta a noção de propriedade e para a confirmação de um “outro” e de um “eu”, vigiando-se mutuamente”.

Fronteiras e limites, em princípio, fornecem imagens conceituais equivalentes. Entretanto, aproximações e distanciamentos podem ser concebidos entre fronteiras e limites. Focaliza-se o limite: ele parece consistir de uma linha abstrata fina o suficiente para ser incorporada pela fronteira. O marco de fronteira, reivindicando o caráter de símbolo visual do limite, define por onde passa a linha imaginária que divide territórios. A fronteira coloca-se à frente, como se ousasse representar o começo de tudo onde exatamente parece terminar: o limite, de outra parte, parece significar o fim do que estabelece a coesão do território. O limite estimula a idéia sobre a distância e a separação, enquanto a fronteira movimenta a reflexão sobre o contato e a integração. Entretanto, a linha que separa os conceitos é espaço vago e abstrato. (HISSA, 2002, p. 34)

O conceito de limite é, então, permeado pela noção de separação e divisa, como a contenção de elementos que estão a ponto de transbordarem. Nesse sentido, o limite é a “borda”, enquanto a fronteira é o que transborda.

A ciência convencional cria e desenvolve fronteiras. Em muitas circunstâncias, o que há de moderno na ciência – no seu significado cartesiano – parece até mesmo sobreviver das fronteiras. Embora algumas sejam imperceptíveis, outras são sentidas pelo observador. Existem fronteiras, contudo, bastante especiais: criadas pela ciência, podem ser apreciadas, sobretudo, no interior da própria clausura edificada pelo conhecimento moderno. Das várias fronteiras erguidas pelo conhecimento científico, destaca-se aquela que é motivada pelo rigor extremo: a que aparta o mundo da representação daquele onde vivem os homens, muitas vezes tomado como o “real”. (HISSA, 2002, p. 26)

Hissa destaca o papel ilusório da representação cartográfica ponto por ponto, quando tomada como retrato fiel da realidade, acreditando dispor de tecnologia suficiente para reproduzir o mundo tal como ele é. “Nessa perspectiva, haveria dois mundos: um reproduzido ‘ponto por ponto’, e ainda assim incompleto, artificial e destituído de vida; e outro real, sempre colocando em ruínas o que está a reproduzi-lo”.

A fronteira que separa a reprodução do que é reproduzido é preenchida pela sensação crescente de inutilidade. Por mais que fosse ampliado o mapa, mais vigorosa seria a fronteira a apartar o mundo dos homens daquele reproduzido. (...) Fora do mapa, a vida pulsa, põe o mundo em movimento e amplia as fronteiras entre as duas peças. A caricatura de Borges ressalta a irracionalidade contida nos projetos científicos que buscam o rigor extremado, quando, de fato, não detém o que pode ser compreendido como rigor. (HISSA, 2002, p. 28)

Por isso e nesse sentido, a reprodução é sempre menor do que o reproduzido e a distância entre ambos fazem da reprodução um esforço inútil. As condições geográficas formam uma parte importante das determinações das práticas sociais, mas as fronteiras não possuem um caráter substantivo ou essencial do ponto de vista de tais práticas. As ações humanas e as orientações ideológicas se estabelecem no tempo e no espaço, revelando as regiões de fronteira como o

cenário de relações sociais fundamentalmente dinâmicas. As linhas de fronteira aparecem como as variáveis mais rígidas dentro das regiões de fronteiras, que estão permanentemente adaptando-se às mudanças internacionais, numa relação intrínseca entre o local e o global, potencializando o processo de integração.

HIBRIDISMO E MESTIÇAGEM: ASPECTOS DO ENTRE-LUGAR

Entre-lugar, lugar intervalar, terceiro espaço, espaço intersticial, caminho do meio, zona de contato ou de fronteira. Muitas são as denominações utilizadas para tratar do espaço que contém relações multiculturais, de elementos diferentes que, ao entrarem em contato, se misturam e configuram novas particularidades - é o espaço onde o hibridismo se faz presente.

O conceito de entre-lugar torna-se particularmente fecundo para reconfigurar os limites difusos entre centro e periferia, cópia e simulacro, autoria e processos de textualização, literatura e uma multiplicidade de vertentes culturais que circulam na contemporaneidade e ultrapassam fronteiras, fazendo do mundo uma formação de entre-lugares. Marcado por múltiplas acepções, o entre-lugar é valorizado pelos realinhamentos globais e pelas turbulências ideológicas iniciadas nos anos oitenta do último século, quando a desmistificação dos imperialismos revela-se urgente. (HANCIAU, 2005, p. 125)

Para a autora, o grande desafio da atualidade, mais do que em outros períodos, é o de enfrentar uma cultura em movimento. Um caminho do meio consiste nesses procedimentos de deslocamento, de nomadismo, em que a identidade possa nascer da tensão entre o apelo do enraizamento e a tentação da errância, um caminho do meio para superar o fundamento encerrado pela questão identitária: afirmar-se e excluir o outro. Portanto, a afirmação das identidades passa por um processo de diferenciação, onde se estabelece uma relação complementar entre as alteridades.

Sob esse ponto de vista, é importante destacar o papel do colonialismo como construção primeira do que seria o hibridismo, pois uma vez descobertas e alcançadas, as novas terras colonizadas representavam “o próprio purgatório, um lugar intermediário entre o céu e a terra, o ‘terceiro lugar’, oposto à Europa – metrópole da cultura e terra dos cristãos –,” que começava com o rito de passagem simbolizado pela viagem dos navegantes. Então, a expansão colonial misturou o que não estava misturado: corpos puros, cores fundamentais, elementos homogêneos. As ‘impurezas’ e ‘contaminações’, “esses vestígios é que levaram à alteridade, à busca da verdade do outro, à ultrapassagem de fronteiras”. E ainda:

(...) Até há pouco tempo as identidades sociais eram normalmente associadas a grupos que ocupavam um espaço – um país, uma cidade ou um bairro – e nele projetavam valores, memórias e tradições. A preocupação em demarcar fronteiras era fundamental nesse processo. O que vinha de fora era geralmente visto como impuro e, portanto, perigoso. Em tudo isso estava presente a idéia de que uma cultura sempre pode ser delimitada e que ela é definida pelas suas fronteiras. Ou seja, tradicionalmente, definir uma cultura seria um exercício de afirmar quais eram seus limites e o que caberia e o que não caberia nela. Para tanto, era fundamental delimitar o território em que habitavam os portadores desta cultura, estabelecer sua língua, seus símbolos, seus costumes etc. (OLIVEN, 2006, p. 157)

A mestiçagem supõe a convergência de elementos díspares de proveniência européia, ameríndia e africana, em sua origem estrangeiros uns aos outros, que se ajustam entre si, conferindo-lhes um novo sentido – “é o surgimento de algo novo, híbrido, diferente, mestiço, um ‘terceiro’, que se insinua na situação de passagem”, ou seja, se insinua no entre-lugar. Hanciau (2005, p. 139) destaca que esse lugar intervalar, de identidades híbridas, promove a “negociação de identidades em culturas multifacetadas e abertas à relação com o outro, em processos contínuos de crioulizações ou de mestiçagens culturais”.

Sendo assim, as ideias e os costumes saem de um lugar e entram em outro no qual se adaptam e se integram. No Brasil, segundo Oliven (2006, p. 158), é muito forte a tendência de se apropriar de manifestações culturais originalmente restritas a um grupo social determinado, reelaborá-las e transformá-las em símbolos de identidade nacional. Especialmente sobre a tradição gaúcha, o autor destaca aspectos curiosos:

A adoção da tradição originária da região da Campanha por habitantes de outras áreas do Rio Grande do Sul significou um primeiro processo de desterritorialização da cultura gaúcha que saiu de sua origem e adquiriu novos significados em novos contextos. Hoje há CTGs em todas as regiões do Rio Grande do Sul. (...) E onde há gaúchos há CTGs. Hoje, 37% dos CTGs estão no Rio Grande do Sul. A manutenção da cultura gaúcha por parte dos rio-grandenses que migraram para outros estados representa um novo processo de desterritorialização que é importante porque a cultura gaúcha continua com seus descendentes que muitas vezes nunca estiveram no Rio Grande do Sul.

(...) Estima-se que atualmente haja aproximadamente um milhão de brasileiros vivendo nos Estados Unidos, Europa e Japão. E onde há gaúchos há CTGs. Assim, em 1992, foi criado um CTG em Los Angeles que acabou servindo de estímulo para a criação de outros. No mesmo ano, foi criado um CTG em Osaka, Japão. Este último tem o sugestivo nome de CTG Sol Nascente, numa prova de que as culturas viajam com seus portadores e se aclimatam em outros solos. (OLIVEN, 2006, p. 160 e 161)

É evidente que, atualmente, cada vez mais os fenômenos culturais viajam. De acordo com o autor “os exemplos se multiplicam num mundo em que a cultura está cada vez mais mundializada. As manifestações culturais, que antes eram vistas como claramente delimitadas, agora seguem em parte a lógica da globalização e não respeitam mais as antigas fronteiras nacionais ou regionais” (OLIVEN, 2006, p. 162).

Tanto que hoje a cultura e o modo de vida norte-americano, estão num momento em que os diferentes grupos étnicos reivindicam sua especificidade. Desta forma, as relações de fronteira parecem exercer um papel cada vez mais plural de experimentações humanas e desterritorializações:

Esse processo faz com que, a rigor, além dos descendentes dos primeiros imigrantes anglo-saxões, não exista mais alguém que seja apenas norte-americano. Os habitantes dos Estados Unidos são atualmente hifenados: *African-American, Native-American, Hispanic-American* etc. A construção de novas identidades sociais dentro da identidade nacional significa a afirmação das diferenças em relação aos outros grupos e a não-aceitação de um modo único de ser norte-americano. Segundo os críticos desse processo, isso estaria causando uma *Desuniting of America*, já que não haveria mais uma nação, mas diferentes formas de vivenciá-la. (OLIVEN, 2006, p. 165)

De uma forma geral, o Estado-nação tende a ser contrário à manutenção de diferenças regionais e culturais, exigindo uma lealdade à ideia do país. Porém, o conceito de Estado-nação está sendo afetado pela compressão do tempo e do espaço, na medida em que a velocidade da informação e dos deslocamentos se intensifica e faz com que as mudanças se acelerem cada vez mais.

Se antigamente as culturas tendiam a ser associadas a um território e a identidades definidas, o que se verifica atualmente é um cruzamento das fronteiras culturais e simbólicas que faz com que haja uma desterritorialização dos fenômenos culturais. Uma manifestação simbólica que surge num contexto migra para outros e é recontextualizada. É claro que essa adoção não é passiva e implica sempre reelaboração. Isso significa que as culturas se tornam cada vez mais híbridas. (OLIVEN, 2006, p. 166)

O hibridismo que se faz presente nas relações de fronteira remete à explicação de Hanciau (2005, p. 136), onde Bhabha define fronteira como não sendo o ponto onde algo termina, mas é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente. Nesse sentido, é importante destacar que, na fronteira, o fator essencial é o contato e o surgimento da mestiçagem e não o limite em si mesmo. “Estar no ‘além’, conforme Bhabha demonstra, significa habitar um espaço intermediário, nem um novo horizonte, nem um abandono do passado”. Diferenças e identidades, tempo e espaço, ritmos e choques. Estar no entre-lugar é participar de um tempo revisionário, “que retorna ao presente para redescrever a contemporaneidade

cultural”, tornando-se um espaço de intervenção no aqui e no agora, entre nós e os outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo o território também um produto de processos concomitantes de dominação ou apropriação do espaço físico por agentes não-estatais, nota-se, segundo Machado e Haesbaert *et al* (2005, p. 91), que os processos de controle (jurídico/político/administrativo), dominação (econômico-social) e apropriação (cultural-simbólica) do espaço geográfico nem sempre são coincidentes em seus limites e propósitos. “A territorialidade é um processo de caráter ‘inclusivo’, incorporando velhos e novos espaços de forma oportunista e/ou seletiva, não separando quem está ‘dentro’ de quem está ‘fora’”. Desta forma,

Por mais que no senso comum se tenha uma concepção clara e definida de identidade, como se ela fosse ‘natural’ a um determinado grupo, deve-se partir do pressuposto de que a identidade cultural é uma ‘construção’ social-histórica – e, no nosso caso, também geográfica. Centralizada sobre a dimensão simbólica da realidade, ela está aberta a novas formulações e, para retomar a idéia de Hobsbawn e Ranger (2002), é possível de ser sempre ‘reinventada’. (MACHADO; HAESBAERT *et al*, 2005, p. 93)

A fronteira, enquanto produto de processos e interações econômicas, culturais e políticas, se torna o espaço de políticas públicas de integração e cooperação, das diferenças de expectativas e transações do local e do internacional, e do desejo de homogeneizar a geografia dos Estados nacionais. O híbrido cultural resultante das conexões e convivências com o “outro” exige o reconhecimento por parte do poder público de uma sociedade com características peculiares à situação de fronteira.

Segundo Gadelha e Costa (2005, p. 31), o resultado prático do tratamento da faixa como um local de isolamento é a observação, na região, de uma ocupação limitada, inexistência ou pouca eficiência e alto custo para a provisão de bens e serviços públicos, além de dificuldades diversas no planejamento de políticas regionais.

Portanto, Hanciau (2005) evidencia bem que, antes de conterem limites, marcos físicos ou naturais, as fronteiras são sobretudo “o produto da capacidade imaginária de reconfigurar a realidade, a partir de um mundo paralelo de sinais que guiam o olhar e a apreciação”, por intermédio dos quais os homens e as mulheres percebem e qualificam a si mesmos, o corpo social, o espaço e o próprio tempo. Assim, as fronteiras apresentam-se porosas, permeáveis, flexíveis, deslocam-se ou são deslocadas.

Se há dificuldade em pensá-las, em apreendê-las, é porque aparecem tanto reais como imaginárias, intransponíveis e escamoteáveis. Estudá-las, se não resolve essa problemática, leva pelo menos a entender o sentimento de inacabamento, ilusão nascida da incapacidade de conceber o ‘entre-dois mundos’, a complexidade deste estado/espaço e desta temporalidade. (HANCIAU, 2005, p. 133)

A busca por uma identidade fronteiriça ou mesmo uma compreensão do que é a fronteira, dada sua pluralidade e seus estigmas, é uma tarefa complexa que deve ser, antes de tudo, experimentada, vivenciada no cotidiano, onde a cada esquina e em cada olhar se expressam diferentes historicidades. A fronteira pulsa além do mapa. A fronteira vive na construção de cada ser, está diluída no ar que nós todos respiramos, eu, tu, ele.

BIBLIOGRAFIA

GADELHA, Carlos G.; COSTA, Laís. A política nacional de integração e desenvolvimento das fronteiras: o programa de desenvolvimento da faixa de fronteira – PDFF. In: OLIVEIRA, Tito C. M. de (Orgs.). *Território sem limites – estudos sobre fronteiras*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2005.

HANCIAU, Núbia J. Entre-Lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HISSA, Cássio E. V. *A mobilidade das fronteiras: inserções da Geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.

MACHADO, Lia; HAESBAERT, Rogério *et al.* O desenvolvimento da faixa de fronteira – uma proposta conceitual-metodológica. In: OLIVEIRA, Tito C. M. de (Orgs.). *Território sem limites – estudos sobre fronteiras*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2005.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

OLIVEN, Ruben G. Territórios, fronteiras e identidades. In: SCHULER, Fernando; BARCELLOS, Marília de A. (Orgs.). *Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: OLIVEIRA, Tito C. M. de (Orgs.). *Território sem limites – estudos sobre fronteiras*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2005.